



**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER
LICENCIATURA EM NORMAL SUPERIOR**

KEILA MARIA DE ARAÚJO ALVES

**PRESENÇA, AFETO E CONHECIMENTO: A COZINHA COMO ESPAÇO
EDUCADOR**

Rio de Janeiro
2022

KEILA MARIA DE ARAÚJO ALVES

**PRESENÇA, AFETO E CONHECIMENTO: A COZINHA COMO ESPAÇO
EDUCADOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em Normal Superior, com Habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientadora: Professora Liana Garcia Castro

Rio de Janeiro

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A474p Alves, Keila Maria de Araújo

Presença, afeto e conhecimento: a cozinha como espaço educador/
Keila Maria de Araújo Alves.– Rio de Janeiro: ISEPS, 2022.–
58 fl. il.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de
Educação Pró-Saber, 2022. Requisito parcial para a obtenção do grau de
Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da
Educação Infantil.

Orientador: Professora Liana Garcia Castro

1. Educação infantil. 2. Formação de Professores. 3. Memória de
Formação. 4. Cozinha afetiva. I. Título. II. Orientadores. III. ISEPS. IV.
Instituto Superior de Educação Pró-Saber.

CDD 372

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Pró-Saber

LICENÇAS

Autorizo a publicação desse trabalho na página da Biblioteca do Instituto Superior de Educação Pró-Saber ou em qualquer meio que julgue adequado, tornando lícita sua cópia total ou parcial somente para fins de estudo e/ou pesquisa.

Essa obra está licenciada sob uma Licença **Creative Commons**, maiores informações <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>.

Rio de Janeiro, 24 de junho de 2022.

KEILA MARIA DE ARAÚJO ALVES

KEILA MARIA DE ARAÚJO ALVES

**PRESENÇA, AFETO E CONHECIMENTO: A COZINHA COMO ESPAÇO
EDUCADOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em Normal Superior, com Habilitação em Magistério da Educação Infantil.

ORIENTADORA

Professora Liana Garcia Castro

LEITOR

Professor(a)

Rio de Janeiro

2022

Dedico esta escrita monográfica primeiramente a Deus, que me direcionou, fortaleceu a minha Fé e não me deixou desistir. Sem o seu cuidado, inspiração e direcionamento, eu não teria concluído o curso e realizado este trabalho.

Em especial, ao meu eterno pai Ducival (in memoriam). Antes de cumprir a sua missão aqui na Terra, no início deste curso, seus olhos foram embebidos com lágrimas ao imaginar sua filha formada como professora.

Aos meus filhos, João Vitor e Maria Eduarda, meus grandes incentivadores, que muitas vezes suportaram a minha ausência ao longo dos três anos de curso.

À minha mãe, Maria Oneide, pelas orações e pela potência feminina que sempre representou em minha vida.

Dedico a todas as crianças, que foram fontes de inspiração para a minha formação como professora de Educação Infantil.

AGRADECIMENTOS

Gratidão ao meu Senhor Deus, por ter me capacitado e fortalecido todas as vezes em que eu me sentia incapaz de chegar até o final da minha formação.

Agradeço ao meu filho, João Vitor, por ter se responsabilizado pela sua irmã para que eu pudesse fazer o curso. Sem a sua parceira, eu não teria conseguido.

À minha filha, Maria Eduarda, por todas as vezes que sentiu a minha falta compreender que era para a realização de um sonho.

Ao meu esposo, Francivaldo, por me apoiar nessa caminhada e voltar a estudar também.

À minha mãe, Maria e à minha irmã, Sheila, por estarem sempre me escutando e me encorajando com palavras, mesmo de longe. Aos meus irmãos Júnior e Ney, que me incentivaram.

À minha amiga, Márcia, que pegou na minha mão, me apresentou o Pró-Saber e me apoiou durante os três anos.

À minha amiga, professora Michely, que desde o início do processo seletivo esteve ao meu lado.

À minha amiga, Sandra do Rio, que durante todo o curso segurou em minha mão e não soltou em nenhum momento.

À minha amiga, professora Mary Hellen, que muitas vezes parava seus afazeres para me escutar, me encorajar e vibrar pelas minhas conquistas.

À minha amiga, Erika, por todas as vezes que me fortaleceu quando a bateria estava descarregando.

Aos meus companheiros de trabalho, Carmem e Altivo, por todas as vezes em que eu precisei, serem parceiros comigo e torcerem por mim.

À equipe diretiva da Creche Municipal Arco-íris, Katia e Eliane, pela sensibilidade e empatia e por me escutarem sempre que eu precisei falar.

A todos da equipe Arco-íris, que diretamente contribuíram e incentivaram para que meu sonho fosse realizado, e aos que indiretamente contribuíram também, o meu muito obrigado.

Agradeço à turma 2019, pelas trocas e pelos aprendizados construídos no grupo.

A todos os professores do Pró-Saber, minha gratidão por me proporcionarem o entendimento e o encontro com a educadora que eu me tornei. Vocês me fizeram compreender que a educação humanizada está fundamentada também no Amor e no Rigor, para que eu pudesse evoluir como educadora com compromisso de aprender e ensinar.

Agradeço em especial à minha orientadora, professora Liana Castro, pela paciência, carinho, direcionamento e por não soltar a minha mão durante a construção desta monografia. Obrigada por ter nos mostrado o seu amor pelos livros e pelas diversas viagens que me permitiu fazer sem sair do lugar, através da literatura.

A cada encontro: o imprevisível.
A cada interrupção da rotina: algo inusitado.
A cada elemento novo: surpresas.
A cada elemento já rapidamente conhecido:
desconhecido.
A cada encontro: um novo desafio, mesmo que
supostamente já vivido.
A cada tempo: novo parto, novo compromisso.
A cada conflito: nova faceta insuspeitável.
A cada aula: descobrimento de terras ainda não
desbravadas.
A cada aula uma aventura.
A cada aula uma revelação.
A cada aula uma perplexidade.
Cada aula um caminho na busca de mim mesma
Cada aula um nascimento com o outro. (FREIRE,
2008, p. 154).

RESUMO

Nesta escrita monográfica, faço um resumo do caminho percorrido pelas minhas raízes, origens, memórias, identidade cultural, valores, reconhecendo uma potência grandiosa de luta para vencer meus medos e minha insegurança. O objetivo desta monografia foi refletir sobre a minha formação, no Curso Normal Superior com habilitação em Educação Infantil, oferecido pelo Instituto Superior de Educação Pró-Saber, para pensar em possibilidades de colocar em prática tudo o que aprendi e assim poder contribuir para uma educação de qualidade para as crianças. A metodologia da pesquisa foi a escavação das memórias dos três anos do curso. Para isso, foram utilizados documentos, como sínteses das aulas, registros reflexivos e fotografias. Relato neste trabalho como consegui superar minhas inquietações no processo de formação. Ao longo do percurso de três anos, fui afetada pela concepção democrática de educação e pelos instrumentos metodológicos propostos pela professora Madalena Freire, que defende a importância do grupo na construção de conhecimento. Aprendi, compreendi e me apropriei da teoria, entrelaçando o diálogo com a prática, tendo como base uma educação humanizada, construída de forma positiva e marcante na vida das crianças, principalmente na Educação Infantil. Ao final, mostro, a partir de relatos reflexivos sobre a minha prática, como a cozinha muitas vezes não é vista como parte importante da educação e em como ela pode se transformar em espaço educador.

Palavras-Chave: Memória. Presença. Formação Docente. Educação Infantil. Cozinha Afetiva.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 REENCONTRO COMIGO E ENCONTRO COM O OUTRO	14
1.1 O início do caminho: meus primeiros passos na Educação Infantil	15
1.2 Tudo tem um propósito: a chegada ao Pró-Saber	16
1.3 Narrar a formação: metodologia da pesquisa	19
2 PRÓ-SABER: DESCONSTRUIR PARA RECONSTRUIR	22
2.1 Concepção de educação e instrumentos metodológicos	22
2.2 Vida de grupo	26
2.3 Experiências marcantes	27
2.3.1 O primeiro ano	27
2.3.2 O segundo Ano	32
2.3.3 O terceiro e último ano	35
2.4 No fim, volto ao início	40
3 MINHA PRÁTICA COMO EDUCADORA NA COZINHA	44
3.1 Cozinha: espaço de diálogo e afeto	44
3.2 Alimentação: além da nutrição, possibilidades de encontros e aprendizados	46
3.3 A cozinha como espaço lúdico e pedagógico	48
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	55

INTRODUÇÃO

Filha de pais maranhenses, carrego uma mala cheia de histórias e raízes, que falam sobre o sangue que corre nas minhas veias. Meu sangue nordestino é a cor da resistência, que conta a história de um povo carregado de potência e luta. Sou filha do Nordeste. Há vinte e um anos, quando escolhi o Rio de Janeiro para morar, nunca imaginei que um dia eu pudesse me encontrar no mundo da educação e que a minha paixão por aprender e ensinar seria exatamente na Educação Infantil.

O processo de ensino e aprendizagem é um caminho de oportunidades, conceitos, partilhas, vivências. Não existe um roteiro. Compreendo ser de extrema importância, para a área da educação, os relatos reais, detalhados e inspiradores, para dessa forma atrair a atenção e incentivar futuros alunos a explorar os inúmeros temas desta área.

Esta monografia tem por objetivo motivar e ao mesmo tempo esclarecer, contribuir para o desempenho de ensinar e promover conhecimentos às crianças. Valorizar, ouvir, respeitar as diferenças no processo de construção de identidade. Esses são alguns dos alicerces para uma educação qualitativa. Importante para isso será apresentar os instrumentos metodológicos propostos por Madalena Freire, como indispensáveis no caminho do educando. Sobretudo, vejo a monografia como essencial para mergulhar nesse resgate de tudo o que foi construído, aprendido e que fez diferença em nós, como educandos e educadores.

Por esse motivo, o meu desejo é fundamentar a extrema importância dessa formação e trazer, de alguma forma, algo que possa contribuir em relação às marcas que o educador pode deixar na vida de seus alunos. Portanto, uma parte desta monografia é dedicada ao que aprendi em relação ao educador que escuta, olha nos olhos, que dialoga com seus alunos, mesmo que às vezes não precise dizer uma palavra, apenas escutar, e como eu fui atingida de forma positiva nesse processo.

Este educador não está apenas na sala de turma. Como relato ao longo dos capítulos, minha experiência profissional na educação começou na cozinha de uma creche. Realizar a formação no Pró-Saber, trabalhando como cozinheira, me permitiu modificar o meu olhar para a importância da cozinha e dos profissionais que trabalham nos diversos espaços da creche ou da escola como educadores.

Este trabalho narra esse processo de descoberta e aprendizados ao longo da formação e finaliza com contribuições para pensar possibilidades que podem ser experienciadas, a partir da preparação dos cardápios de alimentação saudável preparados neste espaço. As experiências vividas na cozinha podem contribuir para o processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças como espaço educador, que vai além de um diálogo dos profissionais com as panelas, o fogão e os alimentos.

Diante disso, o objetivo desta monografia foi refletir sobre a minha formação para pensar em possibilidades de colocar em prática tudo o que aprendi e assim poder oferecer a minha contribuição para uma educação de qualidade para as crianças.

A metodologia da pesquisa foi a escavação das memórias dos três anos do curso. Para isso, os documentos construídos nessa caminhada foram indispensáveis. Foram utilizados os seguintes documentos: sínteses das aulas; registros reflexivos; registros temáticos; epígrafes autorais; registros fotográficos; textos de autores lidos nas disciplinas e disponibilizados pela equipe pedagógica.

A monografia está organizada em três capítulos. No primeiro, abordo sobre o processo do mergulho em si e a sua importância para formação de professores, a partir do resgate da minha vida na infância e na escola. No segundo, faço um percurso pelos três anos do curso, relacionando teoria e prática, fundamentada na metodologia criada por Madalena Freire, que ampliou a minha visão para a importância da minha função dentro do meu trabalho. No terceiro capítulo, relato como a metodologia me transformou. A partir do momento em que me coloquei à disposição para aprender, eu quis aprender. E reflito sobre como o espaço da cozinha é de fundamental importância dentro da creche ou pré-escola e como pode ser usado para práticas pedagógicas, a partir de combinados e trocas entre educadores e crianças.

1 REENCONTRO COMIGO E ENCONTRO COM O OUTRO

Para permanecer vivo, educando a paixão, os desejos de vida e de morte, é preciso educar o medo e a coragem. Medo e coragem em ousar. Medo e coragem em assumir a solidão de ser diferente. Medo e coragem em romper o velho. Medo e coragem em construir o novo [...] (FREIRE, 2008, p. 34).

Refletindo sobre minha trajetória nesse processo encantador e contagiante de construir conhecimentos, enxergo uma nítida história de muitos medos. Medo de enfrentar o novo. Essa busca pelo desconhecido me causava frio na espinha por não saber o que me esperava pela frente. Medo de, ao passar pelas portas do Pró-Saber, me sentir perdida ou diminuída por ser merendeira. Medo por trabalhar fora da sala de aula. Medo de não saber falar sobre a minha prática. Medo de me expor. Medo porque eu ainda não sabia me reconhecer como educadora.

No decorrer das aulas, conforme eu fui conhecendo a metodologia de ensino da instituição, as borboletas no estômago foram ficando menos inquietas e, nesse processo de estudos e descobertas, meus medos foram enfrentados e superados. Para Madalena Freire (2008, p. 34), “esse é o drama de permanecer vivo... aprendendo, ensinando, construindo conhecimento, fazendo educação!” Então, eu me coloquei à disposição para aprender, pesquisar, escutar, observar, mergulhar na minha história e conhecer a história do outro.

Antes de começar a andar para a frente, foi necessário andar vários passos para trás. Foi necessário educar o medo, já que falar em público me deixava apavorada. Eu entrava na sala de aula preocupada com a chamada, com os pontos de observação, com a leitura de sínteses. Mas eu decidi sair do ambiente que me deixava confortável e fui em busca do meu desejo, com dedicação, mas não sem conflitos. Com o amparo das professoras e dos professores e as muitas trocas com o grupo, esses conflitos foram sendo superados, resultando em uma mudança surpreendente em meu modo de ser e de agir.

No primeiro ano, antes de ser convocada a subir no primeiro degrau da construção de conhecimento, eu fui provocada a fazer um resgate de toda a minha história de vida na infância. Foi necessário fazer uma minuciosa escavação das minhas memórias na escola e garimpar as minhas origens, que constituem a minha identidade social e cultural. Essa lembrança foi feita por todos os educandos do

grupo. Trocamos, partilhamos, interagimos e aprendemos a ser conscientes da importância do papel que cada um tem na aprendizagem do outro.

Somente a partir daí eu descobri qual era o meu lugar. Tudo mudou em mim após esses três anos de formação dentro do Pró-Saber, como profissional e como gente. Durante a pesquisa sobre a minha história de vida, descobri que esse entrelace com outras histórias era indispensável para a minha formação como professora. Nessa interação acontece o diálogo, a troca de saberes, a individualidade, a parceria e, acima de tudo, o respeito às diferenças.

Essa proposta do curso me afetou inteiramente. Eu me dei conta de que, para ser uma educadora como eu gostaria de ser, seria fundamental mergulhar na pesquisa de descobrimento sobre a educanda que eu fui e descongelar todas as frustrações que me paralisavam. Embora tenha sido um caminho doloroso de percorrer, nele eu havia camuflado muitas pedras espinhosas. Doeu enquanto eu não lembrava que entre pedras e espinhos nascem flores. Será que pedras também podem florescer? As minhas minhas floresceram.

Neste primeiro capítulo, relato o início do meu caminho: um pouco da minha história de vida até começar profissionalmente na educação. Em seguida, conto sobre a minha chegada ao Pró-Saber. Por fim, apresento a metodologia da pesquisa utilizada para a construção desta monografia.

1.1 O início do caminho: meus primeiros passos na Educação Infantil

Venho de uma família humilde e muito feliz, que me proporcionou uma educação em que o amor e o respeito são ferramentas principais da vida. Meus pais não tiveram muito estudo, mas sempre compreenderam que somente através da educação os filhos poderiam ter uma transformação de vida com oportunidades diferentes das que eles tiveram.

Toda criança adora brincar de escolinha, e comigo não foi diferente. Lembro-me dos momentos de brincadeiras, em que eu era a professora. Meu irmão e minhas primas eram meus alunos na beira do riacho, que passava em frente a minha casa. Usávamos folhas das árvores e gravetos secos, imaginando ser papel e lápis.

Apesar de morar na roça e não ter educação infantil na época, eu fui para a escola aos cinco anos, mesmo sem ter idade. Chorava querendo estudar, meu irmão mais velho já sabia ler e escrever, eu queria aprender também. Fui apenas pela

amizade que a professora Vanderleia tinha com minha mãe. Dentro da concepção autoritária de ensino, a construção de conhecimento era fundamentada no que o educador conhecia e transmitia para o aluno: decoreba, desenhos prontos, para que a criança reproduzisse um determinado modelo de ensino. Imagino que os meus rabiscos eram ignorados, o meu saber de criança não servia para nada naquela época.

Na vida adulta, entrei na educação profissionalmente por acaso. Após o nascimento prematuro de minha segunda filha, Maria Eduarda, eu vi a necessidade de colocá-la em uma creche, quando ela tinha um ano de idade, e retornar ao mercado de trabalho. Fui então chamada para trabalhar nesta mesma creche como merendeira. Devido a várias questões pessoais, eu não havia concluído o Ensino Médio, não poderia trabalhar em sala de aula e aceitei a proposta, embora nunca tivesse trabalhado em cozinha antes. Foi uma forma de estar perto da minha filha, de modo que eu pudesse conciliar trabalho e a dinâmica de levá-la e buscá-la na creche.

Eu sempre planejei e tentei por diversas vezes voltar a estudar, mas me sentia velha, envergonhada e desmotivada para voltar à sala de aula depois de tantos anos. Quando cheguei à creche para trabalhar, observei que muitos educadores estudavam, faziam graduação e pós, e uma que me chamou a atenção foi a Agente Educadora chamada Jurema Reis. Ela tinha mais de 60 anos de idade e estava cursando Pedagogia. Sem saber, essa mulher me encorajou a ir em busca dos meus sonhos. Então, sem falar para ninguém sobre o meu desejo, me inscrevi no Encceja Nacional, em 2017, e consegui concluir meu Ensino Médio.

Em 2018, eu soube, através de alguns colegas, sobre o Curso Normal Pós Médio, no Centro Educacional Victor e Wladimir-CEVIW, com duração de 1 ano, enfrentei as minhas inseguranças e fui estudar formação de professores. Foi aí que eu me dei conta de que eu havia sido picada pelo bichinho da educação.

1.2 Tudo tem um propósito: a chegada ao Pró-Saber

Eu acredito que existem pessoas que Deus coloca em nosso caminho com um propósito, e Marcia de Assis foi uma delas. Eu soube do Pró-Saber através dela que era aluna da turma 2018 e me falava da Instituição e suas Metodologias com um certo encanto. Como sabia que eu desejava fazer um Curso Superior, me incentivou muito a me inscrever na prova para a turma 2019, embora eu sentisse medo e

insegurança, por ser apenas a merendeira de fazer um vestibular no meio de tantos professores e auxiliares de professores, mas

Márcia acreditou que eu seria capaz, me pegou pela mão e me encorajou a fazer a inscrição. Não deixou eu me anular diante dos outros.

Quando entrei no Pró-Saber para fazer a minha inscrição, senti um gostinho de casa, com a decoração aconchegante, um jardim deslumbrante, a receptividade e o carinho que a secretária Claudia Casa Nova me acolheu. Tudo isso já deixou um quentinho dentro do meu coração, e vi logo que era um lugar diferente. Lá, qualquer pessoa que atua dentro do ambiente escolar é um educador, seja merendeira, zelador etc. Isso já me chamou a atenção de cara.

Ainda assim, eu pensava que esse sonho estava muito distante. Fiz a prova e não fiquei com um pensamento positivo. Eu nem tive coragem de ir receber o resultado do processo seletivo; falei que eu não iria gastar dinheiro de passagem à toa. Márcia, que estava em aula no local, enviou a foto para mim e quase infartei quando vi meu nome na lista dos aprovados.

Na segunda etapa do processo seletivo, cada candidato precisava fazer um memorial contando como foi a sua infância escolar. Naquele momento, fui provocada a resgatar minhas memórias antes adormecidas, trazendo para o cenário atual as lembranças de uma infância que eu nunca havia pensado ser importante na minha formação como gente. Essa busca pela minha história me fez mergulhar nas minhas origens e descobrir os resquícios impregnados em mim de uma concepção autoritária, a qual eu fui apresentada durante meu processo de alfabetização, até interromper meus estudos no segundo ano do ensino médio. A prova disso é que não guardo muitas lembranças de professores que tenham marcado a minha trajetória escolar. Eu não os culpo por terem sido educadores autoritários, talvez essa era a única concepção de educação que conheciam.

Nesse processo de escavação das minhas memórias, reencontrei a Vanderléia, minha primeira professora e descobri que, nesse aprisionamento de lembranças ruins, eu estava esquecendo de lembrar das marcas deixadas por uma professora que foi o alicerce no meu primeiro contato social fora do meu círculo familiar. Sabe aquelas lembranças que ficam impregnadas dentro da gente? Um afeto, um cafuné, o cheirinho da merenda, os sons das gargalhadas das muitas peraltices das crianças. E hoje, carrego uma eterna gratidão a essa professora por

ter apresentado o mundo das letras e palavras e me alfabetizar aos sete anos de idade.

Em uma aula da disciplina Oficina de Leitura e Escrita, ainda no primeiro período, lemos um texto do escritor mineiro Bartolomeu Campos de Queirós com o título “Uma definitiva presença”. Nele, ele fala de sua professora: “Sobre a sua mesa pousava uma jarra sempre com flores do mato que os alunos colhiam pelo caminho [...]. Eu não lia ou escrevia de ‘carreirinha’. Mas seu olhar foi meu primeiro livro” (QUEIRÓS, 2012, p. 35).

Esta passagem do texto desembrulha meus fios de memórias escolares vividas na infância. São essas marcas carimbadas dentro da gente que nos tornam quem somos hoje. Elas se entrelaçam com momentos vivenciados de um tempo que passou, e com esse desejo de ser essa professora que, através da amorosidade, possa ser essa presença que fica impregnada nas memórias dos meus alunos.

A presença do educador na vida da criança é um livro com páginas em branco, que vai sendo escrito e ilustrado conforme os momentos são vivenciados, de forma individual e com o coletivo. São marcas escritas através dos cheiros, sabores, gestos, afeto. Presença é ser. É o desejo de estar e se fazer presente. É a paixão pelo ensinar e aprender.

Como é possível perceber, essas reflexões foram iniciadas ainda durante a seleção para o ingresso no curso. Nesse momento de chegada ao Pró-Saber, iniciou-se um processo de reconhecimento da minha própria história, da minha capacidade, do valor de cada pessoa dentro de uma instituição educativa e das marcas que deixamos no outro.

Figura 01 - Aula Inaugural



Acervo pessoal. Fotografia tirada por Claudia Sabino

1.3 Narrar a formação: metodologia da pesquisa

Através do estudo nas aulas de Metodologia de Pesquisa, com as professoras Cristina Porto e Maria Delcina Feitosa, aprendi a importância da pesquisa para a nossa formação. Para conseguir analisar uma experiência, precisamos fazer uma varredura em nossas memórias anestesiadas. Precisamos despertá-las dentro de nós para que possamos expressar aprendizados significativos para ampliação nesse processo de construção de conhecimento. Muitos desses momentos estão guardados conosco desde o início da construção de nossa identidade.

O texto de Denise Sampaio Gusmão “Conto e imagem das roças de Minas: a alegoria de Janus e o caminhar para si” trouxe a amplificação do meu olhar para escavar caminhos para os registros da minha prática diária em relação a fotografia como registo de memória. Neste texto, Gusmão (2018) conta sobre a pesquisa que fez com moradores de um pequeno povoado chamado Inhapim, localizado na região leste de Minas Gerais, com o intuito de realizar registros fotográficos das casas e

revigorar histórias e costumes locais para que essas memórias não desaparecessem com o passar dos anos. A autora escreve: “A tecnologia de registro que trazíamos tornava-se então aliado das pessoas e da liberdade de criação e expressão, ajudando a revelar marcas da identidade e singularidade daquele lugar e de sua gente” (GUSMÃO, 2018, p. 4).

A partir dessas reflexões, compreendo que o detalhe de uma imagem importa, e é preciso refletir sobre cada pedacinho que a compõe. Não basta só olhar; precisamos ser observadores e perceber que uma fotografia pode ser carregada de sentimentos. Nesse processo de refletir sobre as fotografias, lembrei que a primeira vez em que eu conheci a minha avó materna, quando eu era criança, foi através da fotografia em um monóculo. Ela faleceu enquanto minha mãe estava grávida de mim. A fotografia conta história e hoje a vejo como um documento grandioso para garimpar partículas de memórias. Sobre isso, Denise Gusmão cita o fotógrafo e historiador Boris Kossoy: “Fotografia é memória e com ela se confunde” (KOSSOY, 2001, p. 156 *apud* GUSMÃO, 2018, p. 5).

Durante o curso, aprendemos sobre a importância de todo esse trabalho feito por nós, educandos e educadores. Foram sínteses, reflexões, pesquisas, fotografias, textos, livros. Esses documentos foram indispensáveis como fonte de pesquisa para a elaboração desta escrita monográfica.

Alexandra Pena foi nossa professora com a disciplina Metodologia da Língua Portuguesa, no último ano, ainda pelo *Google meet*¹. Ela fez uma pesquisa de doutorado, em que escutou as histórias de vida de dez educadoras, entre elas: professoras, coordenadoras, cozinheiras e auxiliares de serviços gerais, que são responsáveis em atender crianças de zero a cinco anos de idade nas creches e pré-escolas da Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro. Uma parte de seu texto que me marcou foi a seguinte: “O aprendizado para um diálogo é um processo que precisa ir além do aprendizado intelectual, ele precisa ser vivido nas situações concretas no cotidiano, no encontro e confronto com o outro” (PENA, 2015, p. 12).

Como merendeira de uma creche municipal no Rio de Janeiro, fiquei contente em conhecer essa pesquisa, pois ela reforça a importância de escutar todas as pessoas que atuam numa instituição educacional. Dessa forma, a pesquisa realizada por Alexandra Pena frisa o quão necessário é o trabalho desses, que

¹ Mais a frente, vou contar como a pandemia nos pegou de surpresa logo no segundo semestre da formação.

também são educadores, cada um com a sua autoridade dentro do seu espaço de atuação. Esse estudo, assim como outros que realizamos no curso, evidenciam que histórias de vida importam.

Narrar é reativar a vivência, é olhar para o passado com a experiência do presente. E, nesse sentido, escutar a própria história ao contá-la constitui-se como um processo formativo. Recontar uma história é atualizá-la para aquele que escuta para si mesmo, é um ato ético (PENA, 2015, p. 12).

É essa a metodologia da monografia. Narrar a própria formação a partir da escavação dos registros escritos e fotográficos realizados ao longo do curso. No próximo capítulo, faço uma reflexão sobre como o curso Pró-Saber caminha na nossa formação docente, e como seus objetivos foram constituídos nesses três anos.

2 PRÓ-SABER: DESCONSTRUIR PARA RECONSTRUIR

Alegria, riso aberto, contentamento, folia, concentração.

Medo, dor, choro, conflito, perdição, desequilíbrio, hipótese falsa, pânico.

Entendimento, diferenças, desentendimento, briga, busca, conforto.

Silêncios, fala escondida, berro, fala oca, fala fria, fala mansa.

Generosidade, escuta, olhar atento, pedido de colo.

Ódio, decepção, raiva, recusa, desilusão.

Amor, bem-querer, gratidão, afago, gesto amigo de oferta. (FREIRE, 2008, p. 137)

O processo de formação, nos três anos do curso, foi um caminho de construção enriquecedora do saber. Cada momento vivenciado no Pró-Saber foi inesquecível. Esse caminho de desenvolvimento do saber foi demasiadamente inovador e o resultado do aprendizado foi muito além do satisfatório. O carinho colocado por cada professora ou professor nas disciplinas tornou o processo um convite a querer buscar sempre novas formas de construção de conhecimento, com seriedade e dedicação. Em todo o processo de desenvolvimento do aprendizado de cada aluna ou aluno, valorizou-se a bagagem e a história de todos do grupo.

Neste segundo capítulo, é apresentado o resultado do processo de escavação. Primeiro trago a concepção de educação com a metodologia criada por Madalena Freire e os instrumentos metodológicos, que são eixos norteadores para direcionar o educador entre a teoria e sua prática. Em seguida, relato como todo o aprendizado que construí no coletivo e que foi de extrema importância para a evolução dentro do meu eu, como educadora e ser humano. E por fim, conto detalhadamente toda a construção de conhecimento que me proporcionou a descoberta da educadora que eu sou.

2.1 Concepção de educação e instrumentos metodológicos

Na metodologia criada pela professora Madalena Freire, coordenadora pedagógica do Instituto Superior de Educação Pró-Saber, fundamentada no legado de seu pai, o mestre Paulo Freire, eu conheci a concepção de educação

democrática. Essa concepção valoriza a pessoa humana e seus saberes, a singularidade e o modo de pensar de cada um. Compreendi, durante o curso, que teoria e prática caminham de mãos dadas.

Eu sempre compreendi que todo vínculo de ensino-aprendizagem tem um envolvimento com a pesquisa, no entanto, Madalena Freire afirma, em seu livro Educador, que a gente aprende no grupo e com o grupo: “na concepção de educação democrática, o processo educativo está sempre no grupo, pois ninguém conhece, aprende, reflete sozinho” (FREIRE, 2008, p. 56). Assim, a aprendizagem acontece no coletivo, na busca e na troca com o outro.

Logo no início, tive uma certa resistência para aceitar essa metodologia, pelo fato de não ter o hábito de compartilhar minhas vivências com o outro. Especialmente me expor diante de outras pessoas era uma situação bem desafiadora para mim. No entanto, ao me aprofundar no estudo das concepções de educação ao longo do curso, esses aprisionamentos foram sendo destruídos, e meus conhecimentos foram ampliados de forma significativa.

Foram abordadas várias concepções: autoritária, espontaneísta e democrática. Na concepção autoritária, o educador é detentor do saber e seus educandos apenas reproduzem o que é ensinado, ou seja, os alunos decoram para repetir os atos da professora ou do professor. Na concepção espontaneísta, a prática do educador não tem compromisso, o aluno não tem seu processo de construção da autonomia respeitado. Já na concepção democrática, educador e educando constroem conhecimento juntos, sem essa de transferir conhecimentos; essa construção acontece através da observação direcionada ao outro e a si próprio. “Na concepção de educação democrática, educar é ato de conhecer, refletir, aprender permanentemente” (FREIRE, 2008, p. 55).

Fundamentada nessa concepção de educação, Madalena Freire construiu instrumentos metodológicos que são utilizados nas aulas. Nas aulas das professoras Clara Araújo e Priscila de Almeida, na disciplina "Prática Metodológica: Instrumentos Metodológicos", esses instrumentos foram trabalhados de forma mais sistematizada. São ferramentas básicas que possibilitam o processo de construção de conhecimentos dos alunos, ampliando e auxiliando a prática pedagógica. Os instrumentos são: **observação, reflexão, avaliação e planejamento**.

A **observação** é essencial para entender o ambiente que cerca o educador e o educando. Trata-se de um olhar profundo e direcionado que amplia, descobre e

identifica situações de experiências trazidas pelos alunos. Logo no início da aula são socializadas perguntas com a turma: os pontos de observação. O olhar e a escuta são fundamentais nos pontos de observação, que são: **ponto de observação de aprendizagem, ponto de observação da dinâmica e ponto de observação da coordenação**. Cada aluno tem um foco para que, durante a aula, reflita sobre a sua aprendizagem e dois alunos são escolhidos para observar o grupo e professora ou professor, podendo acontecer de forma individual ou coletiva.

No entanto, a primeira vez em que eu fui escolhida para observar foi logo na aula da Professora Cláudia, na disciplina Prática Pedagógica. Eu fiquei muito nervosa, paralisada, tremia dos pés à cabeça. Como assim observar o ensinar da professora? Como uma aluna ou aluno poderia ter essa autoridade de falar sobre o educador, se eu passei boa parte da minha vida escutando que “o professor é quem sabe tudo e manda na sala de aula”? Escrevi o ponto de observação a lápis e apaguei várias vezes, tentando encontrar as palavras certas com medo de desapontar a professora. E fui para casa com medo de que, na próxima aula, a professora Cláudia estivesse diferente comigo por algo de errado que havia escrito. Como eu era bobinha... Mal sabia que a metodologia do Pró-Saber me deixaria tão encorajada a expor meus pensamentos de forma tão autoral.

No Pró-Saber, compreendi que numa concepção democrática os pontos de observação são um alicerce para a construção da aula com focos nos aprendizados individual e coletivo e no desempenho da professora ou professor. Esse aprendizado ficou marcado. Foi mais fácil do que escrever a primeira síntese.

Ah, e por falar em síntese, essa escrita se trata de um registro da aula organizado da seguinte forma: introdução, conteúdo, aprendizagem, movimento do grupo, ensinar do educador e conclusão sobre o que ficou marcado no educando. É um tipo de registro reflexivo da aula, que revela um entendimento crítico sobre a trajetória do educando. Essa prática de registro estimula no professor a reflexão sobre o desenvolvimento dos alunos e norteia sua ação pedagógica. Há diferentes possibilidades de registro: registro corrido (no ato), registro logo após a aula, reflexão temática e relatórios. Através da **reflexão**, o educador encontra formas para elaborar e aprimorar caminhos de prática com o conhecimento dos erros e acertos, analisando situações e possibilidades significativas.

Minha grande insegurança não era registrar e sim compartilhar no coletivo. Sentia medo de estar escrevendo besteira. Eu sempre gostei de escrever em meus

diários, mas uma coisa era escrever somente para mim, outra totalmente diferente era o grupo escutar as minhas escritas. Madalena Freire diz no livro Educador (2008, p. 59): “O registro é História, memória individual e coletiva eternizadas na palavra grafada”. Compreendi que nem tudo devemos guardar somente para nós. São memórias que ficam impregnadas através de nossas letras e palavras e que são fundamentais para fundamentar a nossa aprendizagem vivenciada.

Nesse processo, fui me desvinculando do medo de escrever errado ou do desejo de somente escrever bonito ou de apenas fazer uma cópia do que aconteceu na aula. Com o tempo comecei a fazer escrita autoral, escrever por mim mesma o que eu sentia e pensava de verdade. Conforme recebia retorno dos professores sobre minhas sínteses, fui aprendendo a enxergar que eu não escrevia melhor ou pior que o outro. Era apenas uma escrita singular; era a minha maneira, só minha.

Essa história de observar e registrar acaba permitindo fazer a **avaliação**. Nos instrumentos metodológicos de Madalena Freire, a avaliação é um componente de total importância, pois possibilita uma reflexão sobre as habilidades e dificuldades do educando em seu aprendizado. A partir da avaliação, a educadora ou educador pode buscar práticas diferenciadas para impulsionar o desenvolvimento dos alunos de forma qualitativa, resgatando no final de cada encontro os conteúdos estudados e a movimentação coletiva de toda a aprendizagem vivida na aula.

A avaliação norteia o educador para o planejamento da aula seguinte tanto quanto na aula anterior. É como se fosse um processo de costurar, só que baseado no ciclo metodológico: começa costurando a observação, em seguida a avaliação, depois o registro e arrematando com o planejamento, permitindo um ensinar e uma aprendizagem significativas.

O **planejamento** é indispensável no processo de ensino-aprendizagem, pois orienta e organiza o que se deseja com estratégias para que os objetivos esperados possam ser alcançados. Todo planejamento deve ser flexível, ciente que o educador está sujeito a imprevistos. Seja durante a aula, na interação do grupo, nas trocas, podem surgir hipóteses de fazer mudanças de planos ou não.

A metodologia é diferenciada e o aprendizado de cada aluno acontece através das experiências compartilhadas no grupo. Os instrumentos metodológicos criados por Madalena Freire são ferramentas que todo educador deveria ter como livro de cabeceira, auxiliando no processo de construção de conhecimento, tanto do educando quanto do educador. No decorrer do curso, fui desafiada não só como

aluna, mas também como uma professora em formação, a praticar todos esses instrumentos metodológicos aprendidos na teoria.

Os instrumentos metodológicos (a observação, a reflexão da prática/teoria, a avaliação e o planejamento) possibilitam o exercício sistemático da reflexão para a construção e apropriação da disciplina intelectual. O educador estando em qualquer função na escola (professor, coordenador, diretor) é um profissional de conhecimento, um estudioso, um intelectual - seu compromisso está em promover que seus alunos entrem em contato com seu próprio processo de conhecimento. Para isso, a disciplina intelectual é a ferramenta básica. Assim como o pedreiro necessita de ferramentas para levantar uma casa, o educador necessita dos instrumentos metodológicos para a construção permanente que alicerça sua autoria e autonomia. (FREIRE, 2014, n.p.)

2.2 Vida de grupo

Nesta parte do trabalho, destaco as trocas de experiências com a turma 2019, professoras e professores. Esse convívio diário no grupo e com o grupo, se tornou um alicerce de fundamental importância para cada desconstrução individual vivenciada dentro do coletivo. Muitas vidas se cruzaram nesse processo, e a cada troca de experiências eu tive a convicção de que as nossas raízes contam a nossa história e que nossas marcas nos constituem como gente. A nossa história importa, e no Pró-Saber ela foi reverberada através da escuta, da fala, da origem, da cultura, da religião, da diversidade e do respeito.

A mestra Madalena Freire sabiamente afirmou que “vida de grupo dá muito trabalho e muito prazer, porque eu não construo nada sozinha” (FREIRE, 2008, p. 139). Tudo isso foi enriquecedor, mas também envolveu um misto de emoções. Somos pessoas humanas, singulares e nossa aprendizagem foi construída com a certeza de que cada indivíduo tem seu modo de ser, expressar e conviver com o outro. Durante os três anos de convivência, os sentimentos foram muitos e se transformaram: alegria, medo, timidez, entendimento, desentendimento, busca, escuta, generosidade, empatia e tantos outros inevitáveis nessa vida de grupo.

Tive que romper barreiras e me descobrir, me construir, e às vezes foi preciso me reconstruir através das provocações apresentadas. E elas conseguiram derrubar minha timidez, minha insegurança nessa procura e sede de aprender e ensinar. Hoje compreendo que não construo nada sozinha; eu recebo e ofereço meus conhecimentos, minhas dúvidas, minhas conquistas e minhas inquietações.

O rigor com amor dos educadores tornou esse caminhar vivo, evolutivo e prazeroso. Foram tantos aprendizados nas trocas através da fala de cada aluna e

aluno. Identifiquei que consigo enxergar além da forma de entendimento do outro. Ele me completa, me preenche. Como diz Madalena Freire (2008), em seu poema:

Eu não sou você, você não é eu.
 Mas sou mais eu, quando consigo lhe ver, porque você me reflete
 No que eu ainda sou.
 No que eu já sou e no que eu quero vir a ser...
 (FREIRE, 2008, p. 96)

2.3 Experiências marcantes

Conforme avançamos nos semestres, fomos absorvendo as muitas vivências e experiências que atravessavam esse período de muito estudo e descobertas. Nesta parte da monografia, convoco o leitor a viajar comigo e conhecer esse processo de resgate de si como educando e educador. Para isso, narro cada ano do curso, com os desafios encontrados no caminho e as superações que deixaram marcas de muito aprendizado.

2.3.1 O primeiro ano

No primeiro ano, a proposta do curso é fazer um mergulho na própria história. Várias disciplinas tiveram como eixo despertar nossas memórias de infância e de escola. Nas palavras da escritora brasileira Carolina Maria de Jesus (*apud* TENÓRIO, 2015, n.p.): “Uma palavra escrita não pode nunca ser apagada [...]. Ninguém vai apagar as palavras que escrevi” . Ao revisitar as minhas escritas do primeiro ano no Pró-Saber, observei que essa escavação de memórias foi feita logo nas primeiras aulas em agosto de 2019. A cada pesquisa que fiz em busca da minha história, descobri que, a cada aula, eu chegava carregada de marcas e cicatrizes que estavam impregnadas em mim durante toda a minha vida.

Lembro-me perfeitamente da disciplina Introdução à Psicopedagogia, com a professora Heloisa Protásio, em que ela trouxe o conceito de ser cognoscente, que é um ser de pluralidade, constituído pelas dimensões racional, afetiva e social. Eu compreendi que todo ser humano necessita um do outro desde o nascimento, pois ninguém constrói conhecimento sozinho; estamos em evolução contínua, em que o saber do outro é tão enriquecedor quanto o meu.

O olhar sensível e observador é de fundamental importância no processo de construção da aprendizagem da criança. Essa compreensão despertou em mim um

olhar reflexivo para os meus filhos, meus eternos alunos, onde a professora aqui tem a chance de aprender todos os dias com eles. Por muito tempo, eu pensava que o desenvolvimento dos dois na escola deveria ser igual, sempre os rotulava e fazia comparações de aprendizagens entre eles.

Ficou perfeitamente claro para mim que cada criança tem a sua singularidade, é um ser de complexidade, que aprende sendo estimulado e que é capaz de construir a sua autonomia e seu conhecimento; cada uma tem o seu tempo de aprender. Algumas desenvolvem alguns aspectos mais depressa, outras num ritmo mais devagar. No seu processo, a criança precisa de acolhimento, principalmente na Educação Infantil, que é seu primeiro contato com o espaço público. Ela necessita de afeto e encorajamento para que se sinta valorizada e aprenda a valorizar-se através da bagagem que já traz consigo para o espaço escolar.

No processo de escavação das memórias, cada um do grupo trouxe à tona traumas, medos, desejos e ensinamentos que ficaram marcados de forma positiva ou negativa. Eu acredito que cada um de nós aprende com o exemplo; todos nós carregamos conosco os modelos de educação, que nos foram apresentados durante o caminho que percorremos. Reforço a importância desses exemplos que fazem parte da minha formação como educanda, até mesmo os ruins, que me educaram com autoritarismo. Esses também deixaram comigo muitos aprendizados. Um deles foi a certeza da educadora que eu desejaria ser para meus alunos e com a consciência de que é preciso amar gente para ser educador.

Nas primeiras aulas da já citada disciplina Prática Metodológica: Instrumentos Metodológicos, dividida entre as professoras Clara Araújo e Priscila de Almeida, fiquei deslumbrada ao construir saberes através de conteúdos antes desconhecidos para mim. Enfrentamos nossos medos no confronto entre o velho e o novo. Eu não tinha a menor ideia do quão enriquecedor seria fazer esse mergulho em mim e que seria tão importante para a minha prática. Os conteúdos dessa disciplina me proporcionaram um belo encontro com a educadora que estava guardada dentro do meu eu; eu só precisava deste estímulo para me reencontrar.

Na aula do dia 04/08/2019, a professora Priscila de Almeida disse assim: "Se imponha, não se anule diante dos outros. Não deixe um cargo ser maior do que você é". Essa frase me emocionou e despertou o gatilho da coragem dentro de mim. Impossível não destacar a valorização da história de cada educando dentro daquela

sala de aula. É lógico que ela não estava falando para sermos melhores que ninguém; só estava reforçando o valor que cada ser humano tem.

A professora Cláudia Sabino, com a disciplina Prática Pedagógica, possibilitou a mudança do meu olhar para o ser educador, direcionando a minha reflexão para o meu fazer a todo instante, para a minha prática fora das salas.

A disciplina Oficina de Leitura e Escrita, com a professora Liana Castro, me fez enxergar os livros com outro olhar. Conhecemos diferentes autores e diversos gêneros literários e estilos textuais: Carolina Maria de Jesus, Bartolomeu Campos de Queirós, Monteiro Lobato, Otávio Júnior, Angela Lago, Eva Furnari, Daniel Munduruku, entre muitos outros. Esta disciplina despertou em mim não somente o gosto pela leitura como forma de expansão do nosso vocabulário, mas a importância do ilustrador na produção de um livro. Compreendi o quão necessário é a introdução da literatura na vida das crianças desde cedo para que elas possam aprender a refletir sobre o mundo e se refletir dentro do contexto social em que estão inseridas.

Meu primeiro contato com desenho na escola, quando criança, foi através de desenhos prontos, e na disciplina “Arte e Educação”, com a professora Luana Gonçalves, eu encontrei a liberdade no desenho. Meus desenhos eram aqueles palitinhos, representando o corpo, com uma bola em cima, representando a cabeça de um personagem. Na disciplina, tive a oportunidade de fazer desenho de observação, autorretrato e brincar com diferentes propostas, que me encorajaram a usar a minha criatividade. Entendi a importância dessa prática se tornar contínua, e que essas atividades artísticas são essenciais para incentivar as crianças a viajar em um mundo de faz de conta e estimular a imaginação delas para que possam expressar o que estão pensando e sentindo. O desenho, assim como a escrita, é uma forma de linguagem, uma maneira de se expressar.

Figura 02 - Desenho de observação da minha mão



Acervo pessoal. Fotografia tirada por Keila Araujo

Outra disciplina que causou uma transformação em mim, enquanto aluna e gente, foi a Alfabetização Cultural, com a professora Melissa Lamego. Cada conteúdo apresentado trouxe aprendizados que despertaram a minha curiosidade pela pesquisa. Aprendi a escutar sobre as origens dos colegas e seus gostos, a conhecer ritmos, danças, músicas e a conhecer as influências que cada costume tem na nossa cultura. Como educadora, aprendi que temos que preservar a diversidade, não importa o gosto de cada um, porque o nosso país é rico em pluralidade. Abriu-se uma porta a mais para mim. Eu amo essa palavra: POSSIBILIDADE! Foi assim que eu passei a enxergar cada aula: inúmeras possibilidades de conhecer um mundo cultural dentro e fora da escola.

Nós tivemos a oportunidade de conhecer alguns espaços culturais. O que mais me marcou foi a ida ao Theatro Municipal, pois ainda não havia me imaginado entrando lá. Foi uma noite muito especial! Fiquei igual criança em um parque de diversão, encantada! Muitas vezes eu me perdia do espetáculo, apreciando tanta beleza, da estrutura à decoração. Tudo belíssimo e muito encantador. Foram momentos experienciados e vivenciados a partir das diferentes linguagens culturais.

Figura 03 - Theatro Municipal: descobertas, cultura e história



Acervo pessoal: Fotografia tirada por Sandra do Rio

No segundo semestre do primeiro ano do curso, que foi de março a julho de 2020, fomos surpreendidos pela pandemia de Covid-19. Exatamente no dia 12/03/2020, estávamos em aula com a Melissa, a professora Clara adentrou em nossa sala para avisar que era necessário a interrupção das aulas presenciais. Para a segurança de todos, precisamos fazer esse distanciamento social devido ao grande número de infecções por coronavírus. Foi um momento de medo, angústia, aflição. Não tínhamos certeza de nada; era um vírus totalmente desconhecido. Naquela noite, saí do Pró-Saber somente com a certeza de que era necessário parar! “Há momentos e de momentos é feita a vida onde viver, continuar vivo é recolher tudo, catar os próprios cacos para re-compor, re-fazer, re-inventar a vida da maneira mais suportável, real possível de ser vivida.” (FREIRE, 2008, p. 93).

Foram dias e noites com o meu coração irradiado de angústia. Muitas vidas se perdendo, familiares e amigos morrendo sem poder me despedir. Medo pela minha família, medo pela minha vida, medo por ficar em casa sem trabalhar. Medo pelo silêncio do Pró-Saber. E não é que a danada da Fé segurou na minha mão e eu

decidi não paralisar? Segui em frente com medo, mesmo nesse processo novo de novo e desta vez bem mais doloroso! Após algumas semanas em casa, começaram as aulas por *Whatsapp*. E agora, como faremos?

“O recado é leveza! [...] Concentração. Foco. Determinação [...] (FREIRE, 2008, p. 30). Essa era a única maneira de não desistir dos nossos sonhos. E como organizar a rotina e trazer o espaço público de estudos para dentro do meu espaço privado? Foi fácil? Não! Foi assustador mais uma vez encarar o novo. Mas eu acredito que ser educador é ter dentro de si um lado “camaleão”: recria a rotina e reajusta o planejamento. Dessa vez, a palavra “reinventar” se tornou nossa companheira em todas as falas, escritas e ações. Foram momentos de aprender, reaprender, fazer, refazer, alguns com mais destreza, outros com mais dificuldades, professores e alunos começaram a caminhar de mãos dadas, embora separados por uma tela, em busca de novos descobrimentos diante das inúmeras possibilidades de aprendizagens que ainda tinha pela frente.

A professora Cláudia Sabino, com a disciplina Gestão Escolar e da sala de aula na educação infantil, embarcou conosco neste novo desafio e fez a estreia das aulas onlines. Sala de aula mega diferente. Naquele momento que tudo parecia tão frio, tão distante, a chamada da aula era usada com o recurso da fotografia: cada um enviava uma foto de si para que nosso vínculo continuasse sendo alimentado diariamente. Foi uma forma de transmitir energia boa de um para o outro. No final da aula, eu senti uma esperança de vida. Mas como diz Paulo Freire (2018, p. 134), “Esperança do verbo Esperançar”. Esperançar no sentido de ação. Era o momento de agir e não ficarmos imobilizados. Não tínhamos escolha a não ser agir.

2.3.2 O segundo Ano

Ao afirmar que “somos movidos pelo desejo de crescer, de aprender, e nós educadores, também de ensinar” (FREIRE, 2008, p. 24), Madalena Freire consegue transportar as minhas memórias para o segundo ano do curso. Todas as disciplinas despertavam reflexões em nós sobre o que é ser educador e que educadores desejamos ser para as nossas crianças nesse processo de aprender e ensinar. A seguir, relato algumas disciplinas que marcaram esse processo de muito estudo.

A professora Cristina Porto iniciou as aulas com a turma 2019 através do *Whatsapp*, com a disciplina “O brincar e sua importância na educação infantil”. Se pensarmos nos brinquedos como objeto de cultura, não podemos esquecer que

cada criança vive em uma realidade cultural bem diferente da outra. Muitas vezes elas nem têm brinquedos. Ainda assim, isso não as impede de brincar; elas improvisam brinquedos e brincadeiras que trazem marcas de história. Ainda hoje carrego memórias de quando eu era criança e morava na roça e não tínhamos brinquedos. A criança é muito capaz e nunca devemos duvidar disso. E a gente dava o nosso jeito, no improvisado dos brinquedos e brincadeiras, até comer fruta em cima da fruteira se tornava uma brincadeira, embora “arriscada”, divertida.

Durante as aulas remotas, a disciplina Alfabetização Cultural, com a professora Melissa Lamego, trouxe o meu olhar para o lugar em que eu moro e para a pesquisa sobre os espaços culturais que existem no Rio de Janeiro e seu valor histórico cultural regional. Através do Projeto Favelagrafia, conhecemos o fotógrafo do Morro do Borel, Ton Valentin. Ele trouxe um olhar diferenciado para o seu de origem, desmistificando o nosso pensamento de que na favela só tem bandidos.

Na disciplina Oficina de Leitura e Escrita, a professora Liana nos apresentou o jovem autor brasileiro Otávio Júnior, que escreveu o livro “Da minha janela”, publicado em 2019. Ele também narra o bonito que existe na favela, pela perspectiva de seu olhar. Nessa disciplina, também fomos provocados a registrar por escrito e por fotografias o que vemos da nossa janela. Os conteúdos dessas duas disciplinas deixaram a minha atenção voltada para o que existe de bonito no bairro em que eu escolhi para morar há 19 anos: Santa Teresa-RJ.

Figura 04 - Projeto Favelagrafia



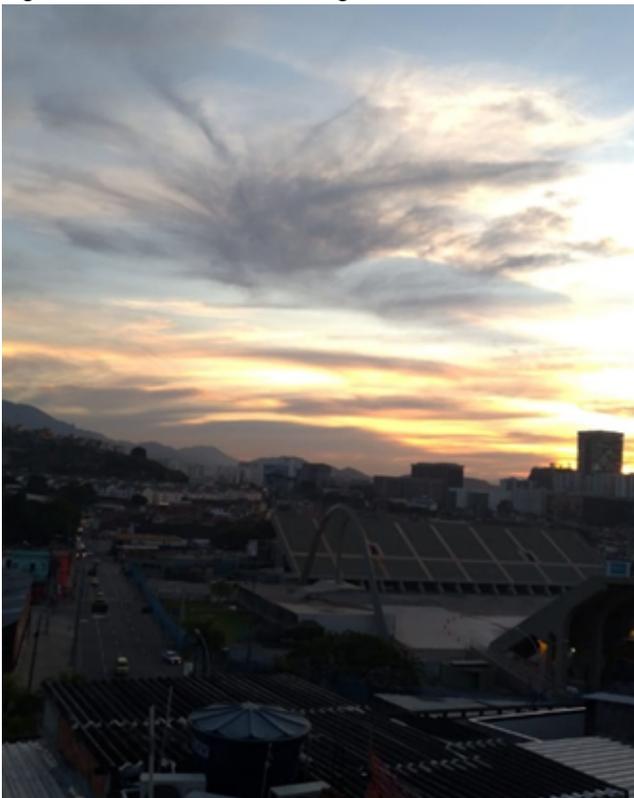
Autor da fotografia: Ton Valentin. Fonte: www.favelagrafia.com.br

Figura 5 - A favela num livro infantil



Do livro “Da minha janela”, de Otávio Júnior. Ilustração de Vanina Starkoff

Figura 6 - Santa Teresa: o lugar onde escolhi morar



Acervo Pessoal. Fotografia tirada por Keila Araujo

Ainda no modo remoto e na tentativa da busca pela arte da reinvenção, começamos, no quarto período, as aulas pelo *Google Meet*. A proposta foi maravilhosa, pois permitiu que nos sentíssemos mais próximos e entrelaçados

nessa construção constante de conhecimento. No entanto, começaram as delícias e as dores das experiências de muita reflexão e estudos vividos na quarentena. Em algumas aulas, nem mesmo as professoras eram poupadas das "trollagens" que a internet preparava.

Aqui, no meu espaço privado, a experiência não foi legal. Como escrevi mais acima, parar foi necessário, mas com o passar do tempo fomos engolidos pelo esgotamento emocional que todos os dias sombrios nos obrigavam a viver.

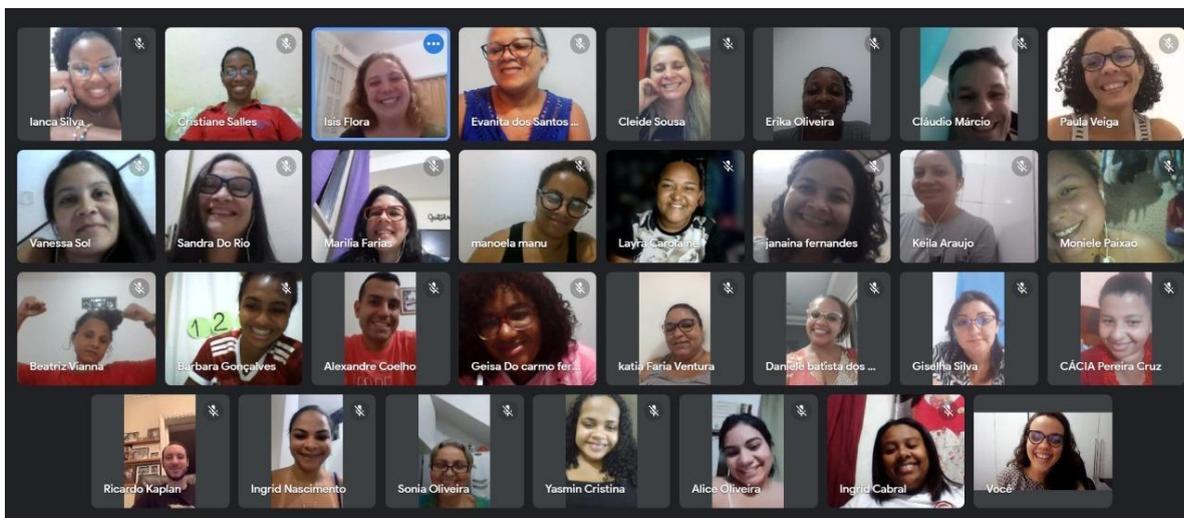
2.3.3 O terceiro e último ano

O tão aguardado último ano chegou, e nós ainda estávamos no meio de uma pandemia. Continuamos, então, as aulas pelo *Google Meet* no quinto período. Cada encontro era uma maneira de trazer a sala de aula para dentro da minha casa. Era momento de compreensão e empatia entre todos que dividiam o mesmo espaço comigo, minha família. E tudo era resolvido através do diálogo.

Cada rostinho dos meus colegas da turma 2019, que aparecia na tela na hora da aula, era um anúncio de que a energia de um carregava a bateria do outro. Entre trancos e barrancos, todos estavam ali, gratos por estarem vivos, com um sorriso no rosto e persistindo rumo ao encontro dos seus sonhos. Sobretudo, sonhando acordados, para não perder de vista quão lindo era o caminho, que cada um já havia construído durante o curso.

O grupo se fortaleceu muito durante as aulas remotas. Era um revezamento de chamamento de um para o outro, no grupo de *WhatsApp* da turma ou no privado. Em alguns dias, era difícil continuar. Mas acontecia um entrelace de energia boa na tentativa de chegarmos juntos até a formatura. Foram experiências, partilhas, "perrengues" e trocas de saberes que experimentamos e experienciamos juntos, que ficarão marcados para sempre em nossa vida. Foi uma vivência atípica. Todos tiveram a oportunidade de se recolher em seu espaço privado e fazer uma auto avaliação. No entanto, acredito que cada um do grupo carregará para sempre dentro de si a importância do outro, pois nesse processo, as inquietações e enfrentamentos não aconteceram no individual. Todos sofreram as consequências da pandemia no coletivo.

Figura 07 - Google Meet: sorrisos de esperança



Autora da captura de tela: Tarsila Nascimento

Na disciplina "Psicologia e Comunicação", mediada pela professora Elaine Caetano, dialogamos sobre o que é Comunidade Educadora. Compreendi que a Comunidade Educadora é todo profissional que tem uma atuação ativa junto à escola: professores, agentes educadores, alunos, responsáveis, equipe diretiva e/ou todo educador que se encontra dentro do ambiente escolar; ou seja, equipe da cozinha, equipe de limpeza, entre outros. Antes de tudo, todos esses indivíduos envolvidos precisam estar cientes e conscientes do quanto o seu papel dentro da Comunidade é importante. Penso que cada um deve ser exemplo, buscar construir conhecimento, para que sua participação se torne significativa, formadora e deixe marcas positivas de fato.

Nessa disciplina, foi indispensável a compreensão sobre a relação entre família e escola. Refletimos e discutimos sobre estratégias possíveis para nos tirar da zona de conforto e da posição de julgadores. Essa ligação entre a escola e a comunidade escolar pode ser estreitada através do diálogo. Aprendemos que nós educadores também somos responsáveis por estas famílias. Conhecer a família é um gesto de cuidado. Cada criança que chega ao espaço escolar vem carregando muita história, e, para que ela seja protagonista de sua aprendizagem, a história dela precisa ser conhecida pelos educadores. Para isso, é necessário fazer uma minuciosa pesquisa sobre o meio social que a cerca. As crianças precisam ser acolhidas e escutadas. É preciso ter um olhar direcionado para cada história.

A disciplina de Matemática e sua didática, com a professora Isis Flora, nos apresentou um mundo de possibilidades a serem trabalhadas. Aprendemos que a matemática pode ser trabalhada por meio da ludicidade, inserida em um mundo de aventuras, jogos e brincadeiras leves e divertidas. As crianças podem ser convidadas a mergulhar nas atividades propostas de forma prazerosa, contribuindo assim para uma evolução significativa da aprendizagem delas. Eu iniciei completamente amedrontada com essa disciplina. Assim como eu, a maioria do grupo também experienciou a famosa tabuada com a qual, numa concepção autoritária, o que aprendemos era apenas a base do “decoreba”.

Com a professora Alexandra Pena, na disciplina Metodologia da Língua Portuguesa, estudamos sobre o preconceito linguístico segundo o escritor brasileiro Marcos Bagno. O preconceito linguístico é gerado quando rejeitamos as diferenças linguísticas do outro, seja nos costumes regionais, no sotaque, dialetos, gírias, tudo que é costume cultural dentro de um grupo. Essa rejeição pela variabilidade linguística, que existe dentro de um país tão rico em diversidade cultural como o Brasil, acontece pelo fato desse preconceito mascarado possuir outras camadas de recheio, como: preconceito social, cultural e regional.

A professora Flávia Quadrelli, com a disciplina TICs, nos apresentou uma tecnologia que nos levou à reflexão. Nos dias de hoje, a tecnologia faz parte da nossa vestimenta; não se resume apenas ao uso de aparelhos celulares, computadores, notebooks. A tecnologia se faz necessária para o nosso dia a dia, tanto no campo quanto na cidade, e ela só faz sentido se tiver utilidade para todas as pessoas.

A disciplina Metodologia de Pesquisa, com as professoras Cristina Porto e Maria Delcina Feitosa, me guiou para a pesquisa e me proporcionou a orientação necessária para que esta monografia fosse construída.

Que emoção falar isso! Sexto e último período. Chegamos ao último período do curso, e logo tivemos a permissão para voltar ao presencial. Alguns do grupo foram resistentes a esse retorno por questões pessoais, e também devido às muitas mudanças na rotina, em decorrência da bagunça que a pandemia trouxe para a vida de muita gente.

Para falar a verdade, eu estava ansiosa para o retorno. Lógico que era um momento de muito medo, afinal estávamos há dois anos em casa, estudando no remoto. As coisas já estavam se ajeitando, mas eu precisava voltar. Uma vez falei

com a professora Cláudia Sabino pelo *WhatsApp*: "Eu preciso voltar ao presencial. Preciso me sentir viva novamente".

E voltamos, e mais uma vez o medo nos acompanhou. Fomos com medo mesmo. Nos reencontramos presencialmente, nos (re)adaptamos e enfrentamos as angústias e inseguranças das aulas presenciais novamente. Mas em matéria de enfrentar medo, nós viramos uma potência de força e superação.

Estar de volta no Pró-Saber me trouxe uma sensação de leveza. Leveza pelo acolhimento, pelas aprendizagens construídas no olhar, no afeto, nas trocas compartilhadas durante as aulas ou na hora do intervalo. Leveza quando chegava a hora do cafezinho do Tião, que sempre nos recebia com um sorriso largo no rosto, com toda tranquilidade que ele transmitia para nós, oferecendo apoio em todos os momentos necessários.

Todas as disciplinas cursadas nesse último semestre foram muito importantes para carimbar o meu aprendizado e a minha transformação durante a trajetória nessa instituição. Minha visão foi ampliada e ressignificada para tudo que me apropriei, tendo como base a metodologia do curso e a concepção democrática de educação.

As aulas da disciplina de Oficina de Leitura e Escrita foram cada vez mais deliciosas de estar presente, pois a professora Liana trouxe um jeito diferente de nos apresentar os livros, possibilitado pelas aulas presenciais. Em quase todas as aulas da disciplina, tivemos o Piquenique Literário, como a aluna Evanita nomeou a proposta, que funcionava com uma nutrição literária bem convidativa, embelezando os nossos olhos para a variedade de autores, textos, ilustrações e formatos nos livros infantis.

Figura 08 - Piquenique literário



Acervo de Érica Fonseca. Fotografia tirada por Vanessa Almeida

Na disciplina Alfabetização Cultural VI, com a professora Melissa Lamego, pudemos voltar a visitar os espaços culturais da cidade. Retornamos ao Theatro Municipal e ao Instituto Moreira Salles, que foram os espaços visitados no primeiro período, e conhecemos o Centro Cultural Banco do Brasil. Visitar esses espaços culturais com o grupo me trouxe sentimentos de muita alegria por estarmos juntos novamente conhecendo novas histórias e culturas diferentes.

A professora Cláudia Sabino trouxe de volta a disciplina Prática Pedagógica para arrematar a fundamental importância do grupo e da aprendizagem da teoria para fundamentar a nossa prática.

Figura 09 - Aprendizagem construída no coletivo



Fotografia tirada por Victória Nunes

Além de professoras já conhecidas da turma, conhecemos professoras novas, como a Julia Baumann e a Lívia Lage com as disciplinas Psicologia e Comunicação: Creche e Comunidade II e Educação Física e sua didática. Na primeira disciplina, continuamos refletindo sobre a importância da relação dialógica entre família e escola e as estratégias possíveis para estreitar essa parceria. Já a disciplina Educação Física e sua didática chegou para desmistificar essa imagem que a maioria do grupo, assim como eu, tinha da educação física na escola, somente como prática de esporte. Hoje eu vejo como uma possibilidade de olhar com cuidado, com o nosso corpo e cuidado com o outro.

2.4 No fim, volto ao início

Eu gostaria de finalizar este capítulo, lembrando uma atividade sobre a nossa identidade, que foi feita logo no início do curso, mas que me transformou como gente e me acompanhou durante todo o meu processo de evolução pessoal e profissional. Na disciplina Prática Metodológica: Instrumentos Metodológicos, com Clara Araujo e Priscila de Almeida, conhecemos a importância do nosso nome, fizemos uma pesquisa sobre a origem e a história do nome de cada um de nós.

Essa reflexão sobre o nome começou numa aula com a professora Madalena Freire. Nesse dia, eu estava com a alma fora do corpo de tão nervosa, pois nunca

tinha imaginado estar na frente de uma grande mestra da educação. Durante a aula, ela nos disse que “o nosso nome é o nosso ouro”. E eu fiquei pensando o que seria esse OURO, de fato.

Na disciplina com as professoras Clara e Priscila, foram proporcionados momentos de pesquisa e diálogo com os nossos familiares, para saber como foi feita a escolha do nosso nome. Aprendemos que nossa mãe, pai, avô, avó tiveram todo o cuidado para fazer essa escolha para nós, e que carrega muita história significativa para eles.

Aprendemos ainda sobre a importância de sermos chamados pelo o nosso nome em nosso ambiente de trabalho. É muito comum e muito “bonitinho” as crianças nos chamarem de tia. Para quem não tem entendimento, é visto como um sinal de respeito. Depois que esse conteúdo me afetou completamente, eu aprendi a expor para alguns colegas de trabalho que eu não gostaria mais de ser chamada apenas de “tia Keila ou tia da cozinha”. A tia da cozinha tem um nome, a tia da limpeza tem um nome, todas as pessoas têm um nome.

No entanto, para querer ser chamada pelo meu nome, eu tive que fazer um processo de desconstrução e passei a chamar todos os educadores do meu trabalho pelo nome deles. E alguns pararam também de me chamar de tia ou tia Keila. Sabemos que é um processo lento e contínuo, mas vale a pena colocar em prática.

Prazer, eu me chamo Keila Maria.

Figura 10 - Nosso nome: nosso ouro



Acervo pessoal. Fotografia tirada por Keila Araujo

Figura 11 - Meu nome conta história



Acervo pessoal. Fotografia tirada por Keila Araujo

Figura 12 - Madalena Freire



Acervo pessoal. Fotografia tirada por Sandra do Rio

Eu gostaria de repetir uma frase que citei em algum parágrafo acima: “Para ser educador é preciso amar gente”. E essa frase repetida é para destacar como o trabalho da equipe docente do Pró-Saber é diferente e fez diferença na minha vida, para que eu pudesse chegar até aqui e construir essa monografia. Lá, eles olham

para a nossa história, com os olhos humanos do educador, e enxergam a singularidade de cada vida humana.

Lógico que, dentro desse trabalho, o amor e o rigor foram indispensáveis para a evolução na construção do meu aprendizado. Eu sempre falei como um educador pode impactar seus alunos, de maneira positiva ou negativa. Por muitas vezes eu pensei em trancar este curso, principalmente na pandemia. Mas, quando eu estava totalmente desacreditada por mim mesma, eu recebia uma mensagem de Whatsapp de alguma professora dizendo que eu era capaz, bastava só eu acreditar. Às vezes você só precisa de uma simples mensagem. Um gesto que parece tão simples pode mudar a direção da sua vida. Olhar. Empatia. Cuidado. Presença.

E é por acreditar que aprendizagens são construídas através do olhar do educador, que eu reafirmo a minha paixão pela Educação Infantil com amorosidade. Enxergo na boniteza do ensinar e do aprender essa construção de saberes compartilhados, fundamentado na história de vida de cada criança.

No próximo capítulo, conto um pouco como uma merendeira pode exercer esse papel de educadora, a partir do momento em que ela se reconhece capaz de contribuir para a formação das crianças.

3 MINHA PRÁTICA COMO EDUCADORA NA COZINHA

As cozinhas afirmam cotidianamente a possibilidade de criar uma cultura compartilhada, espaço de negociação e de confronto entre adultos, entre adultos e crianças, entre crianças, pela comida como condição essencial à vida. [...] Contudo, as cozinhas são, também, laboratórios abertos e acolhedores, capazes de acolher os projetos especiais das crianças e dos adultos. (CAVALLINI; TEDESCHI, 2015, p. 20) .

Na Educação Infantil, acontece troca de saberes entre educador e educando. Nessa interação, as crianças se desenvolvem continuamente no processo pedagógico por meio de experiências de seu cotidiano que podem também acontecer fora das salas de turma. Nesse processo, eu destaco a cozinha como espaço essencial de construção de aprendizagens.

O desenvolvimento dessas aprendizagens pode ser incentivado através dos cheiros, do toque, dos sabores e das cores. Além disso, é possível contribuir para a descoberta de culturas diferentes, que existem dentro do trabalho culinário, além de despertar o interesse da criança para uma alimentação saudável.

Neste terceiro e último capítulo, apresento um pouco da minha prática como educadora na cozinha e penso em possibilidades para potencializar esse espaço da creche e da pré-escola, tantas vezes desvalorizado, como um espaço de experiências significativas para crianças e adultos.

Primeiro, apresento a cozinha como um lugar de diálogo e partilha. Em seguida, exponho possibilidades de experiências que podem acontecer dentro deste espaço, pensando a alimentação além da nutrição e do ato de cozinhar das cozinheiras/merendeiras. Por último, relato atividades realizadas na creche onde trabalhei, observando as interações que podem acontecer entre educador e educando na cozinha.

3.1 Cozinha: espaço de diálogo e afeto

Ser educador é estar preparado para aprender diariamente a cada troca com o outro. E depois que eu aprendi isso no Pró-Saber, tenho a absoluta certeza de que o educador não está somente dentro da sala de aula. Eu sempre senti um encantamento pelo universo infantil, e desde que comecei a prestar serviço na Creche Municipal Arco Íris, no Bairro da Lapa-RJ, como merendeira, me sentia

atraída e curiosa de como seria o contato diário com elas. Pensava em como essa interação poderia nos enriquecer, numa relação de troca de saberes. Só que, no início, eu ficava no meu cantinho observando de longe.

Certo dia em uma aula, eu perguntei à professora Madalena Freire: “Como ser educadora fora da sala de aula, no meu espaço cozinha?” Ela me respondeu: “Use o melhor tempero que você tem: o Amor pela sua prática. E seja educadora pelo seu exemplo, se comporte como a educadora que você é. Vá ao refeitório, estabeleça um diálogo com as crianças. Pergunte se a comida está gostosa”. E o medo que tinha de perguntar isso a elas e receber de volta a sinceridade? O paladar de algumas é bem exigente, rs... Afinal, não há ser mais puro e sincero do que uma criança. Mas eu não era e não sou maluca de não seguir uma orientação de Madalena, rs!

Portanto, comecei a criar uma ponte de comunicação entre mim e as crianças sempre que tinha uma oportunidade. E por incrível que pareça, as crianças começaram a vir conversar comigo, me procuravam na porta da cozinha, o que às vezes causava até um certo alvoroço na hora da recreação (peço desculpas aos meus colegas professores e auxiliares pela "bagunça boa", rs). Elas me contavam histórias, colhiam gravetinhos secos e me davam de presente, dizendo que eram flores. Algumas até perguntavam meu nome, e isso me deixava radiante de felicidade. Nesses momentos, além de sentir leveza, aprendia muito com as crianças. Quando eu aparecia no refeitório e perguntava se a comida estava gostosa, isso se tornava uma competição entre elas; algumas queriam mostrar que achavam a minha comida gostosa e ainda mais, queriam me mostrar quem conseguia comer toda a comida.

Na escrita desta monografia, parece até clichê as palavras *marcas* e *presença*, de tanto que elas são repetidas por mim. De verdade, eu acredito muito no poder do educador que transforma seu aluno através dessa *presença que marca*. Quem de nós, na idade adulta, não lembra do cheirinho da merenda da escola? Ou algum de nós, nunca levou da escola para a vida um educador que nos tratava com carinho e afeto? São lembranças que vivemos e que com o passar dos anos se transformaram em memórias impregnadas dentro da gente.

Ao rememorar todos esse meu processo durante os três anos de curso, hoje me vejo uma educadora. Acima de tudo, me vejo uma educadora capaz de construir

trocas de saberes com as crianças e deixá-las impregnadas com minhas marcas de afeto na minha forma de fazer educação com amor.

3.2 Alimentação: além da nutrição, possibilidades de encontros e aprendizados

No livro “As linguagens da comida: receitas, experiências e pensamentos”, as autoras Ilaria Cavallini e Madalena Tedeschi abordam o lugar das cozinhas na abordagem pedagógica das escolas da cidade de Reggio Emilia, uma cidade na Itália que é referência para a educação infantil do mundo inteiro. Para essa abordagem, “educação e alimentação são vida e, também, história e cultura!” (CAVALLINI; TEDESCHI, 2015, p. 8). A partir deste estudo e da minha experiência, compreendo que a cozinha pode contribuir e desenvolver o seu papel de educadora dentro do espaço institucional da infância. Sinto a necessidade de que sejam desenvolvidos projetos sobre temas relacionados à alimentação, que sejam abordados por professores, de forma mais lúdica possível, juntando teoria e prática dentro da creche e da pré-escola.

Diariamente, vemos a realidade revelada através de noticiários na TV aberta ou através da internet, e é perceptível que os hábitos alimentares das famílias estão mudando. Essa alimentação está voltada mais para a praticidade, devido a inúmeras funções de trabalho que os adultos da casa ocupam no mercado de trabalho. Outra triste realidade é a família simplesmente não ter o que comer, e muitas vezes a alimentação das crianças acontece somente na creche ou pré-escola. Diante dessa correria diária das famílias, poucas crianças conhecem os alimentos saudáveis que elas ingerem, pelo nome. Os pequenos pegam uma certa intimidade mesmo é com alimentos industrializados, como biscoitos, salgadinhos, refrigerantes, entre outros tantos que causam mal à saúde.

Conforme narram Cavallini e Tedeschi (2015), nas escolas de Reggio Emilia, as crianças têm a oportunidade de conhecer e compreender o que comem. Por meio de linguagens expressivas, elas aprendem todo o passo a passo da colheita de cada alimento. Através de diálogos enriquecedores, elas criam esse entrelace que pode ser construído dentro de uma culinária afetiva, conhecendo cheiros, sabores, texturas. Esse conhecimento pode contribuir para o reconhecimento de que uma alimentação saudável é necessária para a vida de todo ser humano.

Em função disto, reforço que a cozinha pode ser usada para práticas pedagógicas que envolvem a culinária na escola. Como campo de possibilidades de experiências, as crianças podem viver situações literalmente "colocando a mão na massa". Levando em consideração o processo de construção de aprendizagens, a criança precisa ter um papel ativo em propostas que envolvam incentivo e descobertas sobre os diversos contextos de alimentação, sejam nutricionais, emocionais ou afetivos.

A horta, por exemplo, para mim deveria ser usada como um campo de aprendizagens indispensável dentro de todo espaço escolar. A criança poderia conhecer como acontece o processo do alimento até chegar ao seu prato. Participar da colheita, estar integrada de fato ao espaço de relações entre crianças, adultos e natureza, relacionando o cuidado com o entorno, consigo e com o outro.

Como incentivo para uma educação alimentar de qualidade, eu trago aqui a importância das crianças conhecerem os alimentos que elas consomem, saber o que elas comem, através de envolvimento prático. Antes de tudo, a cozinha precisa estar preparada para receber esses pequenos cozinheiros/as com responsabilidade e segurança, ter um balcão de preparação para os alimentos, estar higienizada, cozinheiras com uniforme higienizado. Se for um espaço muito pequeno, é necessário organizar as crianças em pequenos grupos. Sem dúvida, todas as crianças, professores, auxiliares e coordenadores pedagógicos que acompanharem a atividade precisam usar toucas e estar com as mãos devidamente higienizadas.

Essas práticas podem proporcionar momentos de diálogo e afeto, possibilitando trocas interessantes sobre o que a criança gosta de comer e o que ela não gosta. Além disso, oportuniza conversas sobre a importância da função de cada alimento para o corpo e sobre como é feita a higienização dos alimentos antes do preparo. Pode-se também sentir os cheiros, as texturas, as cores. Acho muito justo, após todo esse trabalho, as crianças prepararem os alimentos, como, por exemplo, uma salada com variedade de legumes, hortaliças, verduras, percebendo assim como acontece a transformação desses alimentos até chegar à mesa do refeitório.

Um cuidado importante sobre alimentação na creche ou na pré-escola, seja para as refeições diárias ou para experimentos, é partir de uma pesquisa com os pais para saber se a criança tem algum tipo de alergia. Esse cuidado com cada criança, adaptando as refeições e as propostas para contemplar a todas, é fundamental. Cavallini e Tedeschi (2015) também destacam esse tipo de cuidado

nas escolas de Reggio Emilia, considerando não apenas indicações médicas, mas também as questões religiosas das famílias.

Nossos serviços voltados para a primeira infância tem uma grande responsabilidade ao construir, com as famílias e com a comunidade, os hábitos alimentares das crianças. [...] Para que toda criança possa construir uma espécie de diálogo autônomo e um percurso pessoal de hábitos alimentares e de gosto, respeitando-se, também, escolhas religiosas e indicações médicas (CAVALLINI; TEDESCHI, 2015, p. 21).

Assim, a alimentação na creche ou pré-escola envolve cuidado, respeito às diferenças e valorização da diversidade. Esse respeito também pode ser desenvolvido com as crianças a partir do conhecimento de práticas alimentares de diferentes regiões do país e até do mundo.

3.3 A cozinha como espaço lúdico e pedagógico

Para Cavallini e Tedeschi (2015, p. 30), “é responsabilidade dos adultos criar contextos educativos interessantes, em que o encontro com as situações e os objetos não aconteça de maneira banal ou sem curiosidade”. Todo trabalho educacional precisa ser realizado com responsabilidade, diálogo, observação e escuta apurada. Precisa ser planejado tendo um olhar direcionado para o protagonismo da criança e fundamentado a partir do interesse dela diante das atividades propostas pelo educador.

Na creche em que eu atuava como cozinheira, eu tive essa abertura para participar ativamente de algumas atividades, sendo convidada pela coordenadora pedagógica e equipe da creche. Do mesmo modo, estive sempre à disposição para contribuir de forma significativa com as práticas pedagógicas planejadas pelos professores que envolvessem a preparação de algum alimento.

No ano de 2021, após o retorno das aulas presenciais e ainda com várias recomendações de distanciamento em decorrência da Covid-19, a coordenadora pedagógica Eliane Resende (atual diretora adjunta) assumiu a turma EI 32, de crianças com 3 anos de idade, e leu com elas o livro “Severino faz chover”, escrito por Ana Maria Machado (2011). O livro conta a história de um menino que morava no nordeste, numa região muito seca. Os rios secaram, as frutas morreram, e Severino começou a fazer pedidos para que chovesse. Ele mandou aviãozinho para o céu e soltou pipa, pedindo para voltar a chover no lugar onde vivia. No final da história, a chuva voltou, e todas as crianças que se envolveram nos pedidos acreditaram que seus pedidos haviam surtido efeito.

A professora pesquisou com as crianças da turma que a história de Severino acontece na região nordeste, e conversaram que o Brasil é dividido em regiões. Levaram o mapa para a sala e observaram onde fica a região nordeste. Perceberam também em quais regiões o Brasil é dividido.

Figura 13 - Montagem do mapa com as regiões do Brasil



Acervo pessoal. Fotografia tirada por Deise Santos

Durante o diálogo, surgiu a ideia de enviar um questionário para as famílias responderem, e ver quais crianças tinham familiares oriundos do nordeste. Descobriram que o pai de uma criança da turma nasceu no nordeste e passou a infância lá. Esse pai foi convidado para conversar com elas, ser entrevistado por elas e contar a realidade de lá, se ele viveu a seca e como era ser criança na região. Ele mostrou no mapa o lugar onde nasceu. Nesse diálogo, surgiram muitas questões elaboradas pelas crianças: Do que ele brincava? Do que ele gostava? As crianças acharam engraçado a diferença entre as brincadeiras dele e as que elas gostavam de brincar.

Nessa conversa, também surgiu o interesse das crianças em saber como as crianças do nordeste vão para a escola, como eram as escolas de lá. E como toda atividade é construída a partir do interesse das crianças, o assunto foi parar na comida do nordeste e nas comidas de outras regiões do Brasil. Lá vem a importância da cozinha como espaço educador para a realização das atividades pedagógicas planejadas pelos professores.

Eu não poderia receber as crianças dentro da cozinha, por não ter espaço adequado para isso e também pelas medidas de distanciamento devido à Covid-19. Diante disso, a coordenadora pedagógica, que estava regendo a turma, teve a ideia de colocar uma mesa na porta da cozinha do lado de fora. Eu tive o prazer de participar dessa atividade com as crianças na preparação de tapioca e arroz doce. Eu expliquei a elas sobre cada ingrediente que compõe as receitas, mostrei as texturas, os aromas, o passo a passo de como misturar todos eles na panela até levá-los ao fogo.

Figura 14 - Região Sudeste: Arroz doce



Acervo pessoal: Fotografia tirada por Eliane Resende

Figura 15 - Região Nordeste: Tapioca



Acervo pessoal: Fotografia tirada por Eliane Resende

Figura 16 - Diálogo, escuta, trocas e aprendizados



Acervo pessoal. Fotografia tirada por Eliane Resende

Na conversa com as crianças, também falei sobre o cuidado que a criança precisa ter, que não pode fazer isso sozinha, sem a supervisão de um adulto, pois é perigoso se acontecer um acidente e queimá-las. Afinal, a cozinha pode ser um espaço rico de aprendizagem sim, onde a autonomia da criança é desenvolvida através de vivências na prática do cotidiano, contudo, toda e qualquer atividade envolvendo criança precisa ser feita com segurança, atenção e responsabilidade.

É importante ressaltar que muitas vezes os professores enfrentam muita resistência em relação ao uso do espaço da cozinha por parte dos educadores envolvidos, seja por falta de conhecimento das cozinheiras/merendeiras, falta de espaço na cozinha ou até mesmo por falta de tempo para realizar esse tipo de proposta. Embora saibamos que a cozinha da creche ou pré-escola precisa trabalhar cumprindo todas as normas estabelecidas pela vigilância sanitária, restringindo o acesso apenas aos que trabalham lá dentro e a equipe diretiva, também é um espaço que vai além do total envolvimento com as panelas. Nesse espaço, acontecem trocas de saberes, que podem contribuir construtivamente para a formação das crianças.

Assim, para o desenvolvimento desse tipo de trabalho, é preciso planejar o cotidiano das instituições para contemplar essas propostas. Além disso, as cozinheiras precisam entender que também possuem conhecimentos importantes e

que podem contribuir com as experiências e os aprendizados das crianças, somando às atividades pedagógicas que os professores desenvolvem com elas.

E, sobretudo, cada educador dentro do espaço educacional (professores, coordenadores, equipe diretiva, pais, responsáveis) precisa passar a enxergar a equipe da cozinha, pois, muitas vezes, essas pessoas são esquecidas, ficando invisíveis dentro das instituições. Valorizar o trabalho desses profissionais talvez seja o primeiro passo para uma creche ou pré-escola não apenas interessante para as crianças, mas mais humana.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda mudança acontece num processo de pequenas e grandes descobertas. Toda mudança acontece num processo de pequenos e grandes clarões de consciência. Toda mudança acontece dentro de um ritmo individual e coletivo [...] Toda mudança acontece na briga entre o velho e o novo. (FREIRE, 2008, p. 185).

Durante toda a minha trajetória no Pró-Saber, compreendi a necessidade de conhecer detalhadamente e vivenciar experiências de uma educação de qualidade. Compreendi que é possível. Basta ter como foco a reflexão sobre os fundamentos teóricos e metodológicos que orientam toda prática pedagógica. Hoje reconheço quão precioso é o valor da história que cada pessoa carrega, impregnada em suas origens. E o quanto o meu aprendizado pode ser enriquecido a partir das trocas com o outro. É nessa interação que eu me reencontro, me reconheço e construo conhecimento.

A minha compreensão e aceitação sobre os instrumentos metodológicos foi de fundamental importância para a minha formação como professora de educação infantil. Contudo, destaco a minha escuta apurada e o meu olhar mais observador para a singularidade de cada criança, que se constrói na relação entre educador e educando. A partir daí, internalizei e me apropriei do meu compromisso de ser uma educadora disposta a aprender diariamente e a proporcionar aprendizados que possam contribuir positivamente no desenvolvimento das crianças.

O estudo feito a partir da metodologia desta monografia, de escavar as memórias construídas ao longo dos três anos do curso, expandiu meu campo de visão para a minha descoberta como educadora, atuando em uma função muitas vezes desvalorizada e tão pouco enxergada como um espaço indispensável dentro da educação, que é a cozinha.

A partir desta escrita monográfica, espero poder alimentar a reflexão de que a cozinha não pode continuar a ser vista somente como um espaço de preparação de alimentos para crianças e adultos, e sim como um “espaço educador”, que pode ser usada pelas crianças, professores, cozinheiras/merendeiras e todos os educadores. A cozinha pode ser um espaço de criação, escuta, trocas, partilhas, diálogos, afeto, amorosidade, parcerias e acima de tudo, o respeito pelos gostos e pelas diferenças.

Deixo minha contribuição aos leitores desta monografia de que todo ser humano que atua diretamente dentro do espaço educacional é um educador. E que

o trabalho da cozinha, realizado fora da sala de turma, pode ser visto, pensado e planejado como possibilidade de criar experiências significativas para vida das crianças e dos adultos, contribuindo para a construção de hábitos saudáveis junto a uma cultura compartilhada no coletivo.

REFERÊNCIAS

CAVALLINI, Ilaria; TEDESCHI, Maddalena. **As linguagens da comida: receitas, experiências, pensamentos.** São Paulo: Phorte, 2015.

FREIRE, Madalena. **Educador educa a dor.** São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Madalena. **Sobre os instrumentos metodológicos na concepção democrática de educação.** Rio de Janeiro: Comunidade Pró-Saber, 2014. Disponível em: <http://www.prosaber.org.br/comunidade/?p=4320>. Acesso em: 16 jun. 2022.

FREIRE, Paulo. **Conscientização.** Tradução de Tiago José Risi Leme. São Paulo: Cortez, 2018.

GUSMÃO, Denise Sampaio. Conto e imagem das roças de Minas: a alegoria de Janus e o caminhar para si. In: SOUZA, Elizeu Clementino de, CUNHA; Jorge Luiz da, FURLANETTO; Ecleide Cunico, BIASOLI; Karina Alves (Orgs.) **Anais do VIII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) Biográfica.** Digital – São Paulo. BIOgraph, 2018. Disponível em: Disponível em: https://viiiicipa.biograph.org.br/wp-content/uploads/2019/02/E1SESS_COMP_9. Acesso em: 12 jun. 2022.

JÚNIOR, Otávio. **Da minha janela.** Ilustrações de Vanina Starkoff. São Paulo: Companhia da Letrinhas, 2019.

MACHADO, Ana Maria. **Severino faz chover.** Ilustrações de Ellen Pestili. 3. ed. Rio de Janeiro: Salamandra, 2011.

PENA, Alexandra. Diálogo, encontro e agir ético: a contribuição das histórias de vida para a formação. In: KRAMER, Sonia; PENA, Alexandra; TOLEDO, Leonor; BARBOSA, Sílvia Neli (org..). **Ética: pesquisa e práticas com crianças na Educação Infantil.** Campinas, SP: Papirus, 2019.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Sobre ler, escrever e outros diálogos.** Organizado por Júlio Abreu. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

TENÓRIO, Valquíria. Carolina Maria de Jesus: uma escritora instigante. **Jornal Tribuna Araraquara**, 6 out. 2015. Disponível em: <http://www.rae.com.br/2015/10/carolina-maria-de-jesus-uma-escritora.html>. Acesso em: 19 jun. 2022.